



## CORPO DE DELITO

# Bilhete-postal

E casa-se com a poderosa esperança de que o amor ou a conjugalidade possam salvar do tédio, da solidão ou do medo



Rui Patrício

Por cá, tudo bem. Junho dá aos moscovitas dias abafados, noites tépidas, a ilusão de que o frio não voltará e também um ar carregado de algo parecido com dente-de-leão, que cai das árvores e parece uma neve de Verão. Neste sábado há tudo isso. E há casamentos, muitos, nas igrejas, nos jardins, nos parques, nos restaurantes. Aqui – onde há muito tempo foi o país dos soviets – os noivos já não juram sob a bandeira vermelha, voltaram a ser abençoados junto aos ícones. Como acontece noutras cidades em sábados destes, seja qual for a religião, em cada esquina encontra-se um casamento. Casa-se aqui como em Xangai ou em Miami. E aqui, como noutros lugares, casa-se com a poderosa esperança de que o amor ou a conjugalidade salvem do tédio, da solidão

ou do medo. E até os convidados – durante a cerimónia e a boda, embora mais durante a primeira – acreditam nisso, mesmo os que casaram há mais tempo. Mas esses, e também os noivos deste sábado, daqui a anos, e ainda que não conheçam o nome ou a obra de Anna Akhmatova, sentirão os seus versos e esbarrarão nas mesmas cinzas e na mesma impossibilidade: “Mais do que tudo queria estar contigo/de novo desde o começo.” Mas hoje, sábado quente de Junho, não é tempo para pensar nisso, mas apenas para agarrar o dia e aquela poderosa esperança.

Por cá, tudo bem. Aqui, onde já foi o país dos soviets, neste sábado, há velhos a mendigar, às portas das igrejas, pelas ruas, junto ao Gum (a catedral do consumo caro em frente ao Mausoléu de Lenine) e também por entre os convidados dos casamentos – sejam os mais modestos, como um em Kitay-Gorod, onde todas as mulheres vestem o mesmo mau cetim ou o mesmo shantung barato e os homens trazem os mesmos fatos de corte pouco hábil e tecido barato, sejam os mais dispendiosos, como os que têm cortejo de automóveis potentes, limusina à espera ou convidados vestidos com tecidos melhores e cortes

mais caros. Como todos os mendigos, em todos os lugares, estes velhos que pedem toldam o sábado quente, fazem uma sombra maior do que a das torres de apartamentos da grande Moscovo, todas iguais, desfilando junto às estradas que conduzem ao centro ou pontuando, nos arredores, os bosques de bétulas; do aeroporto de Domodedovo para o centro de Moscovo, primeiro há muitas bétulas e algumas torres, depois há muitas torres e algumas bétulas. E é certamente dessas torres que saem muitos dos convidados dos casamentos que hoje vestem cetim e shantung, e por entre os quais os velhos mendigam e projectam a sua sombra triste. Também aqui, onde já foi o país dos soviets. E essa sua sombra é duplamente triste, pois os mendigos são sempre o resto, são os que sobram, e quando são velhos sobram duas vezes: sobram porque são mendigos e porque são velhos. E, ao contrário dos noivos, não têm nada para agarrar, nem o dia nem a esperança. Todavia, também eles gostam muito destes sábados de Junho, porque Junho levou o frio e trouxe para a rua os convidados dos casamentos. Mais gente a quem pedir.

*Advogado. Escreve ao sábado*



Os casamentos ao sábado no antigo país dos soviets

SUSANA VERA/REUTERS